

EDITORIAL ESPECIAL

POR QUE PRECISAMOS DA LIBERDADE DE PENSAMENTO?

Em 1939, há pouco menos de oitenta anos, o educador norte-americano Abraham Flexner (1866-1959) publicava na *Harper's Magazine* um pequeno ensaio intitulado *A Utilidade do Conhecimento Inútil*¹. No mesmo ano em que este texto veio a público, tinham início tanto as maravilhas da Feira de Ciências de Nova Iorque quanto os horrores da Segunda Guerra Mundial. Flexner fora durante aquela década o diretor do Instituto de Pesquisas Avançadas, em Princeton-NJ, uma instituição de estudos avançados e *livres*, na qual reuniram-se diversos intelectuais do mundo todo, incluindo refugiados políticos como Albert Einstein (1879-1955) e John von Neumann (1903-1957). Talvez tenha sido este cenário o responsável pela fecundidade típica de um clássico que se encontra no texto de Flexner. O fato é que, distantes apenas alguns dias do ano de 2019, e em um país tão diferente e complexo como é o Brasil, suas ideias nos são de uma atualidade preciosa.

Gostaríamos de trazer aqui algumas destas ideias, pois parecem poder nos auxiliar a pensar e a nos posicionar nestes tempos que vivemos. Tempos, decerto, desafiadores para aquilo que a Universidade pública brasileira tem buscado construir e manter árdua e cotidianamente: a liberdade de pensamento e crítica. Sem a qual ela será incapaz de se sustentar tanto como um espaço que permite as diversas temporalidades de que o pensamento, a pesquisa, a criação e a formação necessitam, quanto em seu compromisso de se fazer cada vez mais “porosa” ao mundo no qual se inscreve – acolhendo e trabalhando conjuntamente em suas urgências. E isto não se trata de um artigo de fé, como Flexner nos ajuda a ver.

Inicialmente, ele nos oferece a constatação de que “em toda a história da ciência, a maior parte das descobertas realmente grandiosas que se provaram benéficas à humanidade foi realizada por homens e mulheres guiados não pela vontade de ser úteis, mas pelo mero desejo de satisfazer sua curiosidade.” (FLEXNER, 1939, p. 545). Provam-no casos como o de James Maxwell (2831-1879) e Heinrich Hertz (1857-1894), cujas descobertas abstratas no campo do magnetismo foram condição para o

¹ FLEXNER, A. The Usefulness of Useless Knowledge. *Harper's Magazine*, v. 179, p. 544-552, Jun/Nov, 1939.

desenvolvimento das transmissões sem fio e do rádio por Guglielmo Marconi (1874-1937); ou o de Paul Ehrlich (1854-1915), cujas experimentações (ou brincadeiras) com tintas no microscópio possibilitaram o desenvolvimento das técnicas de coloração em bacteriologia e morfologia dos glóbulos vermelhos e brancos; entre tantos outros. Muito mais do que um elogio da curiosidade, esta constatação nos conduz à noção de que nas ciências nunca se pode prever onde, quando e por quais meios ocorrerá um grande avanço, uma revolução, uma (re)descoberta de uma peça que faltava para completar ou transformar o quadro dos conhecimentos. O que nos leva à segunda ideia de Flexner.

Na medida em que nunca podemos precisar quais pesquisas ou teorias serão um ponto de virada para o conhecimento, deve-se permitir e estimular a produção de tantas quanto for possível. Em outras palavras, o avanço e a transformação do conhecimento científico só é possível quando o pensamento é livre. Claro, reconhece Flexner, com isso, há dispêndios financeiros, contudo, tendo em vista os múltiplos casos nos quais estudos supostamente inúteis revelaram-se descobertas inestimáveis para a sobrevivência humana e para a melhora da condição de sua existência, adverte: “Nenhum administrador educacional pode direcionar as vias nas quais esses e outros homens devem trabalhar. O dispêndio, eu admito novamente, **parece** extraordinário. Mas, na verdade, não o é.” (FLEXNER, 1939, p. 548 – grifo nosso). O que são todos os fundos “desperdiçados”, frente a uma única descoberta na bacteriologia, na física, ou na governança dos nossos costumes? Nos parece que quando tantos discursos falam de “gastos na educação e na pesquisa”, e acendem prontamente o alerta de cortes e novos instrumentos de controle, devemos atentar ao sentido preciso que se pode extrair do termo investimento, cuja composição com o espírito de análise que Flexner nos convida, amplia argumentações e compreensões de nossas próprias práticas na academia.

Por fim, gostaríamos de destacar uma última ideia, a fim de evitar equívocos. O que se diz aqui, não se aplica apenas às ciências, nem muito menos àquelas tipicamente consideradas “úteis” (como as ciências exatas, as ciências naturais, e alguns ramos das ciências humanas como a psicologia, a economia e a política), mas a todas as formas de conhecimento e de expressão humanas, assim como às instituições onde são cultivadas. Diz Flexner:

o que digo é igualmente verdadeiro para a música, a arte e todas as outras formas de expressão do espírito humano livre. [...] E ao justificá-las sem nenhuma referência implícita ou explícita à utilidade, justificamos as

universidades, as escolas e os institutos de pesquisa. Uma instituição que liberta sucessivas gerações de almas humanas está amplamente justificada, ainda que este ou aquele egresso faça ou não uma dita contribuição útil para o conhecimento humano. Um poema, uma sinfonia, uma pintura, uma verdade matemática, um novo fato científico, todos trazem em si toda a justificativa que as universidades, escolas e institutos de pesquisa precisam ou requerem. (FLEXNER, 1939, p. 549-550).

A entrada em 2019 nos convida a enfatizar a importância dessas ideias. E se o fazemos, atentos às ciladas e impasses do contemporâneo – que, por vezes, mostram-se como vias de mão única, sinas contra as quais nada ou muito pouco se pode fazer – não o fazemos isoladamente. Ao redor do mundo, outros autores as vêm reverberando. Em 2013, o filósofo italiano Nuccio Ordine (1958-) republicou o texto de Flexner em sua coletânea de fragmentos intitulada *A Utilidade do Inútil: Um Manifesto*². Para o autor, que em geral acompanha Flexner em sua discussão sobre a utilidade do conhecimento, devemos também atentar a como esta noção é atravessada por pautas político-econômicas:

[...] a lógica do lucro solapa as bases das instituições (escolas, universidades, centros de pesquisa, laboratórios, museus, bibliotecas, arquivos) e disciplinas (humanísticas e científicas) cujo valor deveria coincidir com o saber em si, independentemente da capacidade de produzir ganhos imediatos ou benefícios comerciais. Claro que com muita frequência museus e sítios arqueológicos também podem ser fontes de receitas extraordinárias. Mas a sua existência, contrariamente ao que alguns gostariam de nos fazer crer, não pode estar subordinada ao sucesso das bilheterias: a vida de um museu ou de uma escavação arqueológica, assim como a vida de um arquivo ou de uma biblioteca, é um tesouro que a coletividade deve preservar ciosamente, a todo custo.

Eis a razão pela qual não é verdade que, em tempo de crise econômica, tudo é permitido. Pelas mesmas razões, também não é verdade que as oscilações do mercado possam justificar a destruição sistemática de tudo o que é considerado inútil com o rolo compressor da inflexibilidade e do corte linear das despesas. (ORDINNE, 2016).

Igualmente atento a estes condicionantes, o atual diretor do Instituto de Estudos Avançados de Princeton, Robbert Dijkgraaf (1960-), em um recente ensaio de comentário ao texto de Flexner (DIJKGRAAF, 2017)³ busca uma conciliação entre a lógica utilitarista do mercado, e a lógica da liberdade do conhecimento, sugerindo que pesquisadores, instituições e gestores educacionais tenham em vista um portfólio diversificado de agendas, com projetos de curto, médio e longo prazo, contemplando

² Livro traduzido para o português em 2016, por Luis Carlos Bombassaro. Referência completa: ORDINNE, N. *A Utilidade do Inútil: Um Manifesto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

³ DIJKGRAAF, R. *The Usefulness of Useless Knowledge (Abraham Flexner)*. With a Companion Essay by Robbert Dijkgraaf. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2017.

tanto necessidades mais urgentes, quanto aqueles empreendimentos mais arriscados – que podem ou bem resultar em grandes avanços, ou bem dar em nada (até segunda ordem).

Longe de nos atermos às concepções mais estritas dos autores trazidos até aqui, interessa-nos o quanto seus elogios ao inútil reverberam em nosso cotidiano. E nos fazem encontrar, de fato, algo que também ressoa na poética de Manoel de Barros em suas *desutilidades*⁴, e que em absoluto aponta para um descompromisso ético-político-social do conhecimento produzido. Afinal, seja pelo “parafuso de veludo” ou pelo “alarme para o silêncio”, somos convidados pelo poeta matogrossense a um movimento de recusa ao primado da utilidade que nos faz, a todo tempo, preencher as lacunas (do tempo, da criação, da investigação...) com a reiterada pergunta: *mas para que isto serve?* Desta recusa, abre-se, pois, a possibilidade de se indagar não mais exclusivamente sobre as serventias, e sim sobre aquilo que ali é potência. Assim, passa-se à indagação: *O que pode então um poema, uma sinfonia, uma verdade matemática, um novo fato científico, uma pesquisa...?*⁵

Acompanhando essas muitas vozes que, atravessando o tempo e o espaço, chegam até aqui, a *Ayvu: Revista de Psicologia* também ressoa o apelo à liberdade de pensamento, e a um senso mais profundo de utilidade do conhecimento. Isto no interesse pela produção do conhecimento em seus avanços e pluralidades, imprescindíveis à sustentação de uma educação pública de qualidade no Brasil. E alinhada àquilo que marca hoje os intercâmbios da Universidade Brasileira com institutos de pesquisa internacionais, e com os crescentes diálogos e experimentações com outros saberes e epistemes, construindo sua singularidade e sua pertinência inefável nas histórias que da ciência podemos contar e recontar.

Equipe Editorial da *Ayvu: Revista de Psicologia*

⁴ BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Ed. Leya, 2010, p. 325.

⁵ A respeito da construção do termo “desutilidade” como conceito, cf. CABRAL, A. R. Para ficar atento ao que ficou inacabado: das desutilidades dos restos das cidades. In: BAPTISTA, L. A.; FERREIRA, M. S. (Org.). **Por que a cidade?**. Ed.Niterói: Eduff, 2012, p. 65-81.